

UTOPIA SEVERINA

CORPO E TEXTO EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Cristiano Anderson Bahia
Mestre em ciências da religião pela PUC-SP
E-mail:bahia.ca@gmail.com

Resumo:

Utopia Severina – corpo e texto em João Cabral de Melo Neto “Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida, / na mesma cabeça grande / que a custo se equilibra”. Estes versos de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, evidenciam o espaço e a importância do corpo não apenas na lírica deste poeta, mas numa problematização mais ampla no campo do sagrado e suas diversas manifestações. Esta comunicação tem o objetivo de discutir o papel sintomático da corporeidade na poesia de João Cabral de forma interdisciplinar: o corpo como personagem literário e como *locus theologicus* de uma ampla reflexão, que possibilita análises atravessadas pelos campos da literatura, da teoria literária e da antropologia teológica.

Palavras-chave: Corpo; lírica; sagrado.

Introdução

Buscamos numa perspectiva interdisciplinar o diálogo entre a literatura e a teologia antropológica. A antropologia nos mostra um caminho, ao afirmar que o ser humano é um ser estruturalmente aberto. Aqui analisamos a personagem Severino pelo ângulo teológico, literário, histórico e antropológico.

A teologia cristã tem como referência a relevante mensagem bíblica, que narra o *modus vivendi* de um povo que, na sua dimensão histórica, descobre a presença salvadora de Deus. A melhor definição foi a *revelação divina*. Analisando a Bíblia, percebe-se que cada livro apresenta um movimento de revelação ligado a circunstâncias e a problemas bem determinados. Mostram a verdadeira margem da experiência religiosa sobre as necessidades urgentes da vida social – órfão, pobre e migrante – como ambiguidades históricas de cada sociedade.

É estranho existirmos por meio de nosso corpo. Neste sentido analisamos o momento do *sujeito* - a personagem Severino: A relação consigo mesmo (se é permitido falar assim), a busca de sua origem e identidade; a relação de sua vida com as ameaças, os desafios e o próprio sentido de viver ou sair do sertão nordestino.

1. Criação: a identidade de Severino

Percorrendo a trajetória de Severino, no poema “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, mais do que perguntar que coisa é o ser humano, interrogamo-nos sobre cada um de nós mesmos.

Quem sou eu? Por que estou aqui? Que deveria eu fazer? Qual o meu destino? Qual o significado de tudo isso? Qual o sentido da vida? Ou, o que procuramos é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida tenham ressonância no interior do nosso ser, da nossa realidade mais íntima, para que realmente sintamos o enlevo de estar vivos?

Estas são algumas das questões que fazemos ao iniciar a jornada da vida, sobretudo quando a busca de significado é intrínseca à natureza humana. Como criaturas pensantes, procuramos analisar por que nos encontramos nesta estrada e para onde a viagem nos conduz. Deste modo, indagamos sobre a trajetória de vida de Severino, e perguntamos: qual é sua identidade!

Severino e as demais pessoas são seres humanos, seres vivos, que desenvolvem de forma superior um grande número de potencialidades na organização da vida (MORIN, 1995, p. 59). Mas o caminho da realização pessoal é uma via cheia de perigos. São vários os fatores que estão em jogo: além da pessoa, o meio ambiente, as contribuições dos outros, a contribuição de Deus!

Na história do povo de Israel, tanto o povo quanto a pessoa tomavam consciência de sua identidade no encontro com Deus, ao serem chamados pelo nome: “Mas agora diz YHWH, aquele que te criou, ó Jacó, aquele que te modelou, ó Israel: Não temas porque eu te resgatei, chamei pelo teu nome, tu és meu” (Is 43,1). O ser humano, mediante a educação, passa por um doloroso processo de crescimento rumo à sua identificação. Ele é chamado por seu nome, antes de mais nada, para que seja mulher ou homem, para que chegue a ser pessoa e conheça a si mesmo. Mas, por mais dolorosos que sejam os processos da educação, seu fim é sempre a busca da felicidade. É comovente ver a teimosia do grande líder espiritual e temporal do Tibet Dalai Lama que não cessa em proclamar: “Para mim o próprio objetivo da vida é perseguir a felicidade. Isso está claro. Se acreditamos em religião ou não; se acreditamos nesta religião ou naquela; todos estamos procurando algo melhor na vida. Por isso, para mim, o próprio movimento da nossa vida é o sentido da felicidade” (LAMA; CUTLER, 2001, p. 13).

Há algo na pessoa que depende unicamente dela, que a torna única entre as outras e que não pode ser submetido a um denominador comum. A primeira coisa a se notar é que a personagem Severino é um ser situado no tempo e no espaço. “Os seres humanos não habitam apenas no espaço físico ou geométrico, vivem também, e simultaneamente, em espaços afetivos, estéticos, sociais, históricos: espaços de significação, em geral” (LÉRY, 1998, p. 196). E é a partir daí que eles devem ser compreendidos. Suas vidas se constituem, de certa forma, de características peculiares que os distinguem das outras pessoas.

Severino é um ser que vive sua condição e quer simplesmente viver sua vida, inteiramente e cada dia, ⁱna liberdade de construir seu presente e seu destino. Vivendo numa situação de pobreza³⁸, ele não é desprovido de dignidade, nem de capacidade de fazer frente à situação.

O poema Morte e vida Severina começa, com a personagem principal tentando dizer quem ela é. Sua auto-apresentação, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens. Querendo distinguir-se, mais e mais revela sua dissolução no anonimato coletivo (SECCHIN, 1985, p. 107-71). João Cabral de Melo Neto mostra a personagem Severino identificando-se com o próprio nome: “Meu nome é Severino, não tenho outro de pia”.

Nos trinta primeiros versos do poema, o autor mostra como a personagem tenta explicar-se, mostrar-se, mas defronta-se com sua própria falta de identidade. O substantivo próprio, seu nome, ainda não é suficiente para torná-lo reconhecido pelos demais:

Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
Como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias (MELO NETO, 1999, p. 171)..

Os dois nomes, Maria e Zacarias, remetem à Sagrada Escritura. Maria – em hebraico Miryam – é nome de muitas mulheres na Bíblia. A mãe de Jesus, esposa de

³⁸ João Cabral fala, sobretudo do ser humano pobre. Temos um dado importante que nos remete para a possibilidade de uma reflexão teológica. Bourdieu também trata da miséria em seu livro. *A miséria do mundo*. Cf. CASTRO, 1951; 1984. 1957.

José, também se chamava Maria. O nome Zacarias em hebraico Zekaryah – significa “YHWH lembrou”, nome pessoal e comum na Sagrada Escritura.

Deste modo, o nome é mais que um rótulo convencional, que distingue as pessoas uma das outras. Ele é um substituto da pessoa e é significativo. Não apenas identifica a pessoa, mas indica algo do seu caráter.

Os hebreus no Primeiro Testamento, quando nomeavam as crianças, davam ao nome um significado que expressava tanto uma crença religiosa, como uma oração de petição. Mais do que para marca de identificação, o nome era escolhido para a pessoa ser conhecida; e neste sentido, para dar-lhe fama ou impor respeito, como marca que distingue a pessoa. O nome da pessoa sobrevivia em seus descendentes e era uma parte dela. Assim, encontramos na Bíblia a explicação para a sobrevivência humana mediante os nomes que perpassam gerações e são laços que mantêm o parentesco. Era ameaça ao ímpio é que essa pessoa não teria nome (Jó 18,17). Assim, o nome do justo será lembrado e o do mal apodrecera (Pr 10,6).

Na literatura bíblica, o nome é a pessoa. YHWH está presente e ativo em quem o seu nome é invocado e por quem é reconhecido. Assim, em Isaías pode-se ler: “Não tenhas medo, porque eu te resgatei, te chamei pelo nome” (Is 43,1). Com isto, invocar o nome de Iahweh é convocá-lo (MCKENZIE, 1984, p. 658); e ao mesmo tempo, pronunciá-lo em vão, por sua vez, significa um abominável pecado. Assim, no Primeiro Testamento a mudança do nome significava mudança na pessoa; como lemos de Abrão para Abraão e de Jacó para Israel (Gn 17,5;35,10).

Já no Segundo Testamento, o nome divino é usado em expressões idiomáticas. Assim, a obra de Jesus Cristo é tornar conhecido o nome do Pai (Jo 17), revelando o seu verdadeiro caráter (MCKENZIE, 1984, p. 659). E os discípulos, ao invocar o nome de Jesus, receberam o poder de operar milagres (Mc 16,17), especialmente de curar e de expulsar demônios (Lc 10,17).

Mas tudo isto nada contribui na personagem criada por João Cabral de Melo Neto em Severino para fazê-la conhecida e apresentada como alguém, como sujeito histórico que pretenda se afirmar. Quanto mais a personagem Severino vai se definindo, mais se perde no anonimato coletivo. Deste modo, buscam-se outros substantivos próprios, como os nomes da mãe e do pai, quando ele tenta definir-se, traçando o próprio perfil dentro de uma sociedade marcada pelo latifúndio, constituído

pela concentração da terra. Esta identidade é bem delineada por João Cabral de Melo Neto no seguinte texto:

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias e
que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria (MELO NETO, 1999, p. 171).

O autor vai buscar na história brasileira o matiz que possa distinguir a personagem descrita e, assim, faz sobressair a singularidade de Severino. O passado é mais que um prólogo do presente. E mediante o contexto histórico, que a pessoa se afirma como sujeito. A busca de sua identidade social é o pressuposto para encontrar e integrar a origem da sua identidade e no fundo ela é sagrada. Tomar consciência da sua cultura é resgatar uma parte significativa da sua história.

O ser humano está situado no tempo e no espaço, e não pode viver fora dessa condição. Ele é particular e individualizado; sua identidade se constitui a partir desta condição, de forma que o homem ou a mulher não existem. O que existe é apenas tal homem e tal mulher. Ele e ela são dados concretos, pela razão de que vivem numa condição, culturalmente condicionada pelo tempo e pelo espaço históricos. E mediante a análise do sujeito individualizado, que será possível visualizar uma antropologia universal.

Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias
lá da serra da Costela
limites Paraíba (MELO NETO, 1999, p. 171).

A personagem, descrita por João Cabral de Melo Neto, busca na região geográfico-histórica de sua origem, a sua identidade. Mas isto, ainda não é suficiente para identificá-lo. Os nomes não são substantivos próprios. Eles se tornam substantivos comuns em cada pessoa. E por meio deles, que podemos afirmar quem somos.

O sertanejo é desindividualizado, despersonalizado. Identifica-se com sua pobreza e com a geografia do seu cotidiano. A serra em que vive é magra e ossuda como o sertanejo desnutrido, como se pode observar neste verso.

Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
á finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia (MELO NETO, 1999, p. 171).

Severino é, assim, um sujeito coletivo e vive dentro de uma perspectiva passiva. O poema traduz sua condição de “severinos”, filhos de Marias viúvas.

2 Severino é um ser no mundo em um corpo humano

A personagem Severino tenta se individualizar e se identificar com seu corpo, e o descreve. Ele é semelhante aos corpos dos demais habitantes da região, tanto na constituição física quanto no trabalho a que estão submetidos. Severino, como retirante, é descrito pelo autor João Cabral de Melo da seguinte forma:

Somos muitos Severinos,
iguais em tudo na vida,
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta (MELO NETO, 1999, p. 171).

Se João Cabral insere no texto palavras referentes ao corpo, como por exemplo, à cabeça grande, é porque isto tem importância e integra o corpo do nordestino, que é portador de um significado. Severino também é o que é por meio de seu corpo. A cabeça grande e chata é uma forma de apresentação do ser nordestino e faz parte de sua “cicatriz” existencial.

O corpo humano feito à imagem e semelhança de Deus é um postulado sagrado (Gn 1,26s), presente desde o início do texto bíblico. Na língua hebraica, todas as partes do corpo humano são dotadas de atributos psíquicos e espirituais. Cada parte do corpo humano tem em si uma “consciência do verdadeiro Eu e de sua unidade” (MIRANDA, 2000, p. 111). É a “hypostasis grega” (GALVÃO, 1994), a pessoa como única e

irrepetível, ícone divino é criado ao som do Verbo e na ressonância de seu nome. A figura de Severino mostra-se como um ser pensante e falante. Fisicamente como já assinalamos o corpo humano tem uma rica linguagem própria e uma própria fala.

No texto bíblico, há uma visão detalhada e complexa do corpo humano como linguagem simbólica (MIRANDA, 2000, p. 12). Esta visão oferece pressupostos para que o corpo possa viver, e mostra a importância e a necessidade de se cuidar dele. O conhecimento ou a ignorância que temos do nosso corpo poderá afetá-lo tanto para o bem, quanto para o mal, prejudicando-o ou curando-o.

Para Miranda, os "corpos também perderam sua sacralidade, exaltados em ideais hedonistas, condenados como fonte de corrupção na visão dualista, de exploração e fonte de riqueza foram esquecidos como uma espécie de resíduo" (MIRANDA, 2000, p. 13).

Encontramos no judaísmo a idéia de que o primeiro estágio corporal lembra o estágio da infância; e que o segundo, o estágio do ser na idade adulta; o terceiro estágio é determinado pelos novos campos da consciência espiritual, aberta ao longo dos dois estágios anteriores e que se identifica com a cabeça (Ketér).

A cabeça Ketér é o último estágio da verticalização do ser e é simultaneamente a primeira a receber as emanções divinas. Posteriormente, tais emanções brilham em cada um dos atributos da boca (sifírot). Ligada a essa emanção primordial, a cabeça é tida como uma ponte espiritual.

Os cinco livros da Torá estão associados aos cinco sentidos. Mais particularmente aos cinco órgãos asseguradores da fala: a garganta, o palato, os dentes, a língua e os lábios. Quem estuda a Torá na tradição judaica, exprime a sabedoria e o conhecimento pela boca; sua alma está em estado de equilíbrio como o candelabro, centrado na boca e em harmonioso esplendor. Em hebraico, sefirá Ketér, coroa, possui um atributo como fonte espiritual da saúde (MIRANDA, 2000, p. 260).

Em latim, a palavra perna designa também o ramo ou o galho de uma árvore.

Do ponto de vista estritamente anatômico, a perna é a parte, de cada um dos membros inferiores do corpo humano, compreendida entre o joelho e o tornozelo. Por extensão, a perna é destinada à sustentação ou à locomoção. Nesse sentido, a expressão perna pode até incluir pés, joelhos, coxas e quadris. E por isso que a palavra regel, pé em hebraico, que figura mais de duzentas vezes no texto bíblico, em cerca de vinte casos é também traduzida como perna (MIRANDA, 2000, p. 73).

A perna é o órgão da caminhada, da marcha e da peregrinação. Ela é um símbolo dos vínculos sociais e exteriores. As pernas, foram dadas ao ser humano para ele explorar o mundo e exercer sua marcha na terra exterior, como sujeito autônomo. Deste ponto de vista, elas são a imagem daquilo que permite à pessoa percorrer suas terras interiores, estabelecendo contatos de fertilidade com o próprio Eu profundo. Para isto, as pernas se apoiarão em um novo centro de energia, como sobre “pés” interiores, os rins.

Os rins retomam a simbologia da escuta como alguém que se senta à beira de uma fonte, para meditar. Um rim que escuta e ouve é o lugar do pensamento e da sabedoria. Deus o sabe, pois ele sonda os rins e os corações (Sb 1,6). Na visão bíblica, os rins purificam o sangue pela água, assim como o coração o faz pelo ar.

Se os pés criam vínculos sociais e os rins são o lugar do pensamento, então as pernas são os mestres e as chaves do corpo social. Romper, cortar ou quebrar as pernas de alguém significa, metaforicamente, impedir o seu relacionamento social, profissional ou sexual. Isto é impedir que as relações sejam férteis e tenham descendentes e adeptos, que cresçam e multipliquem. Isto pode ser observado nas pernas de Jesus. Lemos nos Evangelhos que,

como era dia da Preparação, os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado — esse sábado era um dia particularmente solene —, pediram a Pilatos que lhes mandasse quebrar as pernas e os retirasse. Os soldados vieram, portanto, e quebraram as pernas do primeiro e a seguir do segundo dos que foram crucificados com ele. Chegando a Jesus, verificaram que já estava morto; e não lhe quebraram as pernas (Jo 19,31-33).

O corpo é dotado desde a sua origem de um sentido sagrado, que Deus assume em Jesus Cristo. E nesta perspectiva que a visão antropológica de Santo Irineu guarda a sua atualidade, iluminada pela concepção que ele tem da unidade fundamental do corpo e da divindade em Jesus Cristo. Assim recusa todo dualismo e se abstém de separar a imagem da semelhança. Não existe separação entre a imagem e semelhança. Para ele, a imagem é uma semelhança natural com o Criador e a semelhança, desse modo, será a semelhança mais profunda, uma assimilação espiritual de participação verdadeira na vida divina. Jesus Cristo revela, na história, esta plenitude humana. Na história, pulsa o coração de Deus pela pessoa humana e o sentido aponta para o futuro como a superação definitiva e segura de todo limite.

Assim, Deus fez da humanidade a sua criação. Ela foi feita. E criatura, sim, mas ela é de Deus. Também o animal e o cosmo são criaturas divinas. O ser humano o é enquanto imagem do Primogênito de toda criação. Ele “é a única criatura que Deus quis por si mesma” (*Constituição Gaudium et spes*) e o quis como o “tu” divino, como interlocutor divino, como sua imagem em meio à criação.

Para Santo Irineu, aquele que criou o mundo quer recuperar a obra de suas mãos para salvá-lo. No evento da vinda do novo Adão, o ser humano se encontra numa nova condição. Ele afirma que o projeto de Deus para a humanidade desde o início da criação está em Cristo, com a plena imagem do Deus invisível. Ele é a origem e o fim do ser humano e do cosmos.

A descoberta do valor do corpo humano, dos pés à cabeça, contribui para a evolução da própria pessoa. Todas as perguntas sobre o ser humano encontram respostas na própria pessoa. Trata-se de um despertar da consciência. Desta forma, o corpo reflete a polaridade “morte e vida”. Esse corpo é o espaço da felicidade humana. E apresentado como um edifício construído sobre a rocha dos arquétipos (MIRANDA, 2000, p. 17) da identidade divina em cada um. Para a psicologia junguiana, os arquétipos correspondem às imagens psíquicas do inconsciente coletivo. Eles são a base dos comportamentos humanos.

O nosso corpo e a nossa pessoa dentro da tradição hebraica crescem como uma árvore. E devem dar frutos como a árvore do conhecimento do bem e do mal. A palavra vida, em hebraico chayin, é sempre um plural. Assim, a árvore das vidas é fonte de sabedoria, de conhecimento e de experiência interior.

Em geral, a violência contra os direitos humanos na modernidade acaba suprimindo e violentando a vida humana pelas premissas do capital. O corpo humano sofre a dessacralização e está sendo usado como fonte de corrupção, de dualismo e, ao mesmo tempo, é tido como uma fonte de exploração e riqueza. A figura de Severino, como dos demais nordestinos, quer saber de corpo e alma qual é a sua identidade passando pelos trâmites sociais e econômicos da modernidade.

Referências

BÍBLIA: Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

- GALVÃO, Ramis. *Vocabulário, ortográfico e prosódico das palavras portuguesa derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Garnier, 1994.
- LAMA, Dalai; *A arte da felicidade*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1984.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *O Corpo território do sagrado*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MORIN, Edgar. *Terra-Pátria*. Porto Alegre, 1993.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina*. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- SECHIN, Antonio Carlos: *A poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades.